

# Paz exige novas ideias e conjugação de esforços

— Embaixador Nikolai Dybenko

11/1/88

**PERGUNTA —** Moçambique vive uma situação bastante crítica causada pela desestabilização da África do Sul por intermédio dos bandidos armados. Como é que V. Exa. vê esta situação em face dos esforços que o Governo moçambicano tem empreendido no sentido de assegurar o restabelecimento dum clima de paz na região que beneficie a todos os países sem qualquer excepção.



Nikolai Dybenko, Embaixador da União Soviética em Moçambique

**RESPOSTA —** A URSS acompanha sempre com grande atenção a situação prevalecente na África Austral, inclusive em Moçambique. Infelizmente, vê-se obrigada a constatar que ultimamente a situação tem-se agravado muito. A causa disso é a guerra não-declarada que trava o regime de Pretória, utilizando como o seu instrumento os bandidos armados. Os massacres da população e destruições praticadas no decorrer desta guerra de agressão atingiram proporções sem precedentes, o dano económico calcula-se em centenas de milhões de dólares.

Segundo sublinhou o Secretário-Geral do CC do PCUS, Mikhail S. Gorbatchiov, durante a visita do Presidente Joaquim Chissano à URSS, «a solidariedade e o apoio da União Soviética estão do lado do Povo moçambicano que se esforça por pôr fim à miséria e destruição, que luta pelo restabelecimento da Paz sólida em toda a região da África Austral para o bem de todos os seus países sem excepção». Nós saudamos a atitude construtiva do Governo da RPM para a solução do enredo de problemas que se acumularam na região. A nossa convicção firme, — sobre o que foi declarado mais de uma vez e que encontra a compreensão e o desenvolvimento prático da parte dos dirigentes moçambicanos — o estabelecimento do clima de Paz e de boa-vizinhança na região só é possível sob a condição de liquidação do factor principal de desestabilização — do regime do «apartheid».

Mais firmes tornam-se as vozes a favor da erradicação do último maior bastião do colonialismo, a declaração da independência para a Namíbia. A derrota do «apartheid» é historicamente pré-determinada. Não o saivão, nem o terror contra os Estados da Linha da Frente, nem o patrocínio de certos círculos imperialistas. A regularização política da situação na África Austral corresponderia aos interesses de todos os sul-africanos: (negros, mestiços e brancos, assim como dos Povos de todos os países da região. No entanto, para o seu alcance imediato são necessárias novas ideias, a atitude não trivial, a recusa dos estereótipos comuns, frequentemente viciosos, e com certeza, os esforços colectivos. Trata-se da utilização dum mecanismo apropriado da pressão da parte das organizações internacionais, assim como, parece, em primeiro lugar, de alavancas eficazes das organizações regionais e uniões do Continente africano.

**P —** Como é que V. Exa. encara a postura belicista do Governo da África do Sul de prosseguir a sua campanha de desestabilização em Moçambique, que, em violação do Acordo de Nkomati, já que os bandidos armados continuam a receber apoio encoberto da África do Sul o que pode-se comprovar com as continuas ameaças dos governantes sul-africanos à soberania da RPM?

**R —** O curso militarista e agressivo da política externa de Pretória constitui uma ameaça directa e real à soberania e independência dos Estados da África Austral e um foco do conflito potente para estender fora dos limites regionais.

Moçambique é um exemplo de país que sofre o entrelaçamento vicioso das tendências negativas herdadas do regime colonial português com as consequências originadas pelas acções desestabilizadoras da RAS, pelos actos criminosos dos bandidos armados. Neste sentido basta recordar os delitos sangrentos cometidos em Homoine, Manjacaze, Mandimba, Sena, Tanninga e Maluana que comoveram a comunidade internacional pelo seu vandalismo e crueldade. O facto é óbvio, e o Presidente Joaquim Chissano reconheceu-o na 42.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU, que, o Acordo de Nkomati assinado para criar o clima de Paz e de boa-vizinhança entre a RPM e RAS, até o momento não deu os resultados ponderáveis. Ao contrário, a realidade testemunha com toda a evidência que Pretória continua a acelerar o processo de infiltração dos bandidos armados no território moçambicano, aumenta-lhes o seu apoio militar e político até organizar (o violar as cláusulas do Acordo de Nkomati) nos limites das suas fronteiras nacionais os acampamentos de treino para os terroristas. O regime do «apartheid» não se recusou a travar a guerra não-declarada contra a RPM, prestando aos bandidos armados ajuda e apoio multifacéticos. É contudo óbvia a natureza criminosa, anti-social e anti-nacional destes fan-toches que vivem completamente a soldo de Pretória e, citando a carta do Presidente Joaquim Chissano ao Senador norte-americano J. Helms são «a extensão directa das SADF (South African Defence Forces)».

**P —** Como é que avalia as possibilidades de cooperação pacífica entre os países da África Austral e quais são as oportunidades que o seu país vê existirem para participar nesse esforço para a superação do atraso económico dos povos desta região?

**R —** Segundo o nosso entender, os países da região da África Austral possuem enormes possibilidades potenciais no desenvolvimento da cooperação pacífica, para qual existem tais factores objectivos como a semelhança histórica, proximidade sócio-econó-

mica e luta comum pela liquidação do regime do «apartheid». A eficiência desta luta exige a necessidade de procurar os caminhos e formas económicas alternativos. Há de notar que os Estados da região acumularam já uma certa experiência neste domínio — a SADCC.

Vou dar um exemplo. No mês de Fevereiro de 1987 o Governo soviético tomou a decisão de apoiar as actividades do «Fundo de resistência à interferência, colonialismo e «apartheid» («Fundo África»), criado no quadro do Movimento dos Não-Alinhados. A contribuição da URSS para o «Fundo África», contando vários tipos de ajuda constitui 65 milhões de rublos. Além disso a União Soviética está disposta a receber até 1100 cidadãos anualmente dos Países da Linha da Frente assim como os representantes do ANC e os da SWAPO para estudarem nos estabelecimentos do ensino superior, assumindo todas as despesas no valor de 25 milhões de rublos.

Ninguém tem motivos de recuar a URSS a quem tentam incriminar as intenções «de inspirar a revolução mundial, expansionismo e hegemonia». Por outro lado nós consideramos o nosso dever internacionalista apoiar a justa luta dos povos que ainda continuam a ser oprimidos pelo jugo do racismo sendo vítimas do sistema do «apartheid» cuja política e prática são qualificadas com toda razão como crimes contra a Humanidade. Estes são os princípios em que baseia-se a nossa política externa com os países da região.

No que diz respeito às relações soviético-moçambicanas, como declarou o Secretário-Geral do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail S. Gorbatchiov durante a visita do Presidente Chissano à URSS «toda a sua gama-política, economia, cultura, questões militares sempre permanecem no foco de atenção da Direcção soviética».

A União Soviética está disposta a seguir sempre pela linha política da cooperação com os países da região, inclusive a República Popular de Mo-

çambique, a fazer todo o possível para que ela seja ainda mais frutífera, correspondendo aos interesses de ambas as partes.

Todos os Povos do Continente Africano podem contar no futuro com a nossa solidariedade, atitude honesta e sincera que não visa obter vantagens unilaterais em nenhum dos países da África Austral ou em toda a região.

**P. —** Que importância tem para o seu país o ano de 1987, naquilo que pode ser revelante para todos os povos do nosso planeta?

**R. —** O ano de 1987 é um ano do 70.º Aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, um acontecimento mais importante do nosso século que exerceu enorme influência aos destinos dos povos do planeta.

Considera-se que o processo da reestruturação que decorre actualmente no nosso País não é um assunto puramente interno da União Soviética. Como afirmou o Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, Eduard A. Chevardnadze, no seu discurso na 42.ª sessão da Assembleia Geral da ONU, «é impossível fazer caber só à União Soviética a sua aspiração de ultrapassar tal fruto da «guerra fria» como divisão do mundo nos blocos hostis».

Quando hoje os amigos e inimigos da URSS uns com admiração, outros com involuntário respeito, pronunciam em russo as palavras «glasnost» e «perestroika», eles desejando ou não ligam-as com a nova mentalidade política que indica o caminho certo para o saneamento das relações internacionais, para o mundo seguro desnuclearizado, com que a Humanidade sonha e que deverá ser uma norma moral indestrutível das relações entre Estados.

«Nós sofremos a nova mentalidade que é destinada para liquidar o desfazamento entre a prática política e normas ético-morais humanas», — sublinhou Mikhail S. Gorbatchiov na sua intervenção no fórum internacional «Pelo Mundo desnuclearizado, pela

(Continua na página seguinte)

(Continuado da página anterior)

sobrevivência da Humanidade» realizado em Fevereiro de 1987.

Trata-se, em primeiro lugar, da nova mentalidade na solução dos problemas internacionais, problemas da guerra e Paz, da mentalidade, que abre o caminho para renovação revolucionária, demonstre a grande importância da Revolução de Outubro e da força da sociedade por ela nascida.

Tudo isso, naturalmente são os objectivos da reestruturação, cujos instrumentos chegam a ser logicamente a abertura e diálogo na política interna e externa. Entre eles há uma interligação estreita, tão forte que uma não pode existir sem outra. Na esfera internacional a reestruturação revelou-se como a renovação cardinal.

A União Soviética apela hoje a todos os países e Povos do mundo para que eles se elevem sobre os seus interesses nacionais, rompam os grilhões das noções tradicionais, que não aguentam a pressão do desenvolvimento histórico impetuoso, aproveitem plenamente as possibilidades potenciais.

Pode-se constatar com satisfação algumas mudanças positivas.

Toda a Humanidade progressista encontrou com grande entusiasmo a notícia sobre a assinatura em Washington durante o encontro entre o Secretário-Geral do CC do PCUS, Mikhail S. Gorbatchiov, e o Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, de um Tratado da liquidação dos mísseis de meio e pequeno alcance. Este acontecimento chegou a ser uma prova evidente perante a comunidade internacional das possibilidades animadoras e reais do futuro desnuclearizado.

Mesmo tratando-se da eliminação por três por cento só dos arsenais nucleares dos Estados Unidos e da União Soviética, o mais importante é que foi dado o início ao desarmamento nuclear, quando o cronómetro da história mundial começou a registar o movimento para o Mundo desnuclearizado. Não é por casualidade que na mensagem pessoal do Presidente Joaquim Chissano, endereçada a Mikhail S. Gorbatchiov foi destacado que «com a celebração deste Tratado inicia-se uma nova era de esperança para o futuro dos Povos e do Mundo». Por enquanto este princípio está a ser materializado num caso isolado, mas já torna-se numa realidade. Actualmente o problema principal consiste na nossa habilidade de rejeitar todos os tipos de armas de extermínio em massa, partindo do mesmo princípio, acumulando todos os aspectos positivos e construtivos do encontro em Washington. Fizemos um passo importante na busca do entendimento mútuo. Não vamos parar a meio caminho. Vamos fazer mais um passo seguido pelo outro. As tarefas principais já são marcadas. Que o diálogo que iniciou-se em Washington seja concretizado na assinatura em

1988 em Moscovo dum tratado sobre a redução dos mísseis balísticos de grande alcance e das armas convencionais na Europa, liquidação completa das armas químicas.

O mundo está esperançado de que, no futuro «outros tratados sobre outras categorias de armas nucleares e outras armas de destruição massiva sejam alcançados, contribuindo assim para a preservação da paz e segurança internacionais». — assinalou na sua mensagem o Presidente Joaquim Chissano.

Herdando as vitórias e derrotas, conquistas e erros nós fazemos tudo o possível para aumentar as vitórias e evitar até a mínima possibilidade de repetirmos os erros nos assuntos internos e na política externa.

Assim é o traço distintivo da reestruturação, a sua força dominante, a indicação das potencialidades e do carácter justo da sociedade, a garantia do seu futuro, da democracia interna

profunda, da abertura e da honestidade.

Quem quer apoiar-nos apoiará o projecto da reestruturação das relações internacionais na base da democracia, a concepção do Mundo desnuclearizado, todas as acções dirigidas para solução dos problemas mais agudos da política internacional, pois os interesses da maioria da comunidade coincidem completamente.

Fazendo o resumo não posso deixar de sublinhar que o ano transacto foi muito importante para a história do desenvolvimento das relações entre os povos-irmãos da União Soviética e da República Popular de Moçambique. Em 1987 na URSS e na RPM comemorou-se o 10.º Aniversário da assinatura do Tratado soviético-moçambicano de Amizade e Cooperação provado pelo tempo que demonstrou a inviolabilidade dos laços da fraternidade, solidariedade e entendimento mútuo que unem os nossos Países, Partidos e Povos.